



Banquete patrocinado por um comerciante alegrou as crianças do Lixão

Macarrão na ceia de Natal

Foi lá, naquele galpão de madeirite, sem bibliotecário, sem engenheiro agrônomo nem doutores especializados que Oseane Fernandes, 11 anos, aprendeu a conhecer as letras. Foi lá que ela assinou o nome pela primeira vez e chorou quando viu o que tinha feito. Foi lá que aprendeu a contar os números. Hoje, está na 5ª série de uma escola pública do Guará.

No sábado, Oseane voltou à escolinha. Junto com a criançada do Lixão, fez a festa. Pela caridade de um comerciante — que preferiu não se identificar — o lugar miserável ganhou alegria. Arroz, macarrão, carne cozida, tutu de feijão e suco de limão. Um verdadeiro banquete para quem muitas vezes nem pão tem para comer.

Veio todo mundo da escolinha. Eram mais de 100 crianças. “Muitas vezes, na hora do desespero e das dificuldades que passamos, a gente se sente fracassado e pensa em desistir. Mas, num dia como

hoje, vendo o sorriso dessas crianças, Deus dá força para continuar”, diz, emocionada, Isolete, a mulher que acreditou num ideal. Em troca, ela carinho e gratidão.

Filha de um catador do Lixão e de uma dona de casa, Oseane se orgulha de ter começado a ler na escolinha da invasão. “Se não fosse a tia Isolete, não tinha aprendido nada. A melhor coisa do mundo é deixar de ser analfabeta”, agradece.

Edineide Maria da Silva, de 10 anos, também sabe da importância da escolinha na sua vida. Hoje, está na primeira série. “Comecei a estudar aqui com quatro anos de idade”, conta a menina que mora num barraco humilde na invasão do Lixão e sonha em ser médica. “Pra cuidar dos outros”, confessa.

Presente de Natal? “Era ganhar a boneca da Barbie”, deseja. O pai, um catador de lixo, está juntando dinheiro para comprar frango e fazer a ceia. “Todo ano tem farofa”, alegre-se Edineide.